

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
06/02/99		
Caderno		
5		
Seção		
Assunto		
Bairro		

Campo da Pólvora vive processo de degradação

Ivete Zinn

Foto: Carlos Casaes

Uma calça jeans e outras peças do vestuário esticadas no gramado para secar ao sol. Próximo, a refeição do dia sendo cozida ao fogo de carvão. Esta cena, que poderia lembrar a rotina vivida em alguma localidade do interior, se repete diariamente no Campo da Pólvora, simbolizando o completo abandono em que se encontra a área. Em contraste com a imponência do prédio do Fórum Ruy Barbosa, a praça situada em frente ao edifício público se encontra em completa degradação.

O gramado, que deveria emprestar seu verde ao colorido da área, já desapareceu há muito tempo e o passeio está cheio de buracos, especialmente junto ao ponto de ônibus. Sem falar dos grupos de mendigos e pivetos que fizeram do local suas residências, gerando insegurança em quem precisa circular pela praça. Advogados, executivos ou estudantes, entre as pessoas que passaram ontem pela área, foram unânimes em reclamar da situação, externando a expectativa de que o Campo da Pólvora, assim como outras praças já revitalizadas, seja prioridade nos próximos projetos da prefeitura.

E para que não se pense que o cenário seja totalmente degradante, há uma exceção. É o trabalho educativo desenvolvido por voluntárias do Projeto Axé. Raolinda Santos da Paixão e Eliana Valadares são as professoras que aparecem quatro dias por semana à praça com objetivo de resgatar o interesse dos meninos de rua pela atividade educativa. Foi o que se viu ontem quando um grupo de cinco garotos, em meio à sujeira e feiura do local, fez



Passeios esburacados, grama destruída; sinais de degradação da praça

inspirados desenhos, como Francisco Assis do Nascimento. Lavador de carros e hóspede do Albergue da prefeitura, o ex-grafiteiro caprichou no traçado, recebendo elogios dos colegas.

Apesar da atividade do Projeto Axé, a situação não se altera, especialmente quando o assunto é violência. Queixa comum entre taxistas e proprietários de bancas e estabelecimentos comerciais da vizinhança. "Roubos, facadas e pedradas acontecem todo dia", relatou o proprietário da banca de revistas Antônio Lisboa.

Disse que quando os mendigos brigam saltam pedradas para todo o lado. "Por volta das 18 horas e até a meia-noite é um perigo ficar no ponto de ônibus", destacou o comerciante, que não desiste do negócio há quatro anos. Mais saudosista, o aposentado Mário José Passos lembrou dos áureos tempos do local, que chegou a servir de palco para shows de artistas como Orlando Silva e Francisco Alves. "Aquele tempo era bom e poderia voltar a ser uma boa lembrança se o prefeito cuidasse daqui como de outras áreas novas da cidade".